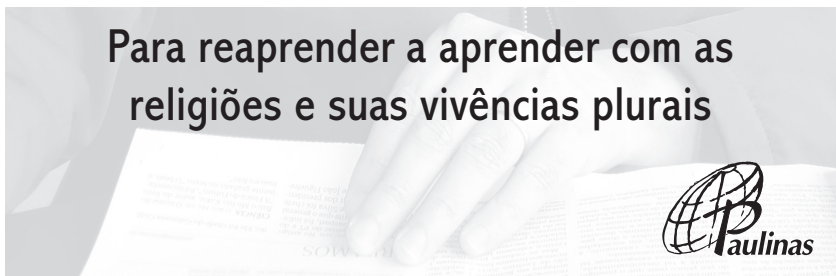




TEOLOGIA EM SAÍDA

Obra póstuma do teólogo
AFONSO M. L. SOARES

Para reaprender a aprender com as
religiões e suas vivências plurais



 Paulinas

Prólogo, Diálogo e Epílogo

Como é difícil deixar os amigos partirem sem lamentar sua ausência! O próprio Jesus, que não chorou durante as torturas e morte de cruz, chorou a morte de seu amigo Lázaro, nos conta João em seu evangelho naquele minúsculo versículo: *Jesus chorou* (11,35). O paradoxo afeto-dor deixado por uma ausência irremediável desafia nossa própria linguagem para expressar-se com nexos e com uma finalidade que valha a pena ser ouvida. A ausência, a saudade e a dor são mais próximas do silêncio do que da palavra, embora a palavra possa contribuir com a libertação do peso que elas significam para quem as vivencia. O choro pode ser, de fato, a linguagem mais espontânea que expressa a primeira experiência da morte do ente querido, antes que todas as linguagens sejam pronunciadas tateando algum sentido no interior do vazio que impera.

A morte, embora faça parte de nossa condição mais básica e se inscreva no rol das nossas certezas absolutas, torna-se um problema real quando nos atinge de perto. Ao avizinhar-se de nós, deixa seu rastro que interroga o sentido do viver, atíça a memória do ausente e redimensiona o amor de amigo. É quando, então, o que era claro fica cinza, as coisas bem localizadas se desencaixam e, então, torna-se urgente reconstruir o mundo de dentro e de fora para levar em frente a vida, como se ela fosse normal e sem deixar jamais de ser feliz com a sua pura gratuidade. É a hora de transformar nosso choro em palavras e de *retirar a pedra* (Jo 11,39) que ainda pesa sobre a memória do falecido sepultada em nossas mentes e corações. É também a hora da esperança que antecipa a ressurreição final e nos faz *ver já a glória de Deus* (Jo 11,40).

É ainda tomados de emoção que falamos de nosso amigo Afonso Ligório, que passou entre nós fazendo o bem como fiel seguidor de Jesus de Nazaré (cf. At 10,38). A memória viva de nossa convivência ainda aflora como incômodo em qualquer momento, sem pedir licença, e se instala como saudade. E a tomada de consciência de sua ausência assusta, depois dói e, em seguida, desafia os lugares-comuns da razão. É quando o coração fala sozinho e não encontra traduções lógicas capazes de convencê-lo ou de aquietá-lo. A morte rompe com as rotinas, com as saídas racionais e com os afetos. Ela faz com que o afeto vivo se transforme em saudade: desde então afeto intransitivo, amor ao ausente e amizade sem a presença direta. Esse é o drama insolúvel de continuar amando

quem partiu definitivamente. Quem não viveu essa experiência com a morte de alguém querido? A morte de um amigo só pode, portanto, ensinar que o amor não morre. Quem vivenciou uma autêntica amizade está definitivamente marcado por seus efeitos indeléveis; ela não morre com a morte, embora clame por novas interpretações capazes de solucionar a ausência, de resolver a intransitividade entre o sentimento interno e o vazio externo, entre o passado e o presente. Só resta, assim, esquecer ou esperar. A atitude de esperança dimensiona o amor ao futuro, é capaz de transfigurar o afeto, de *filia* à *ágape*. É certamente a difícil e necessária tarefa de “desatar o morto e deixá-lo ir” (Jo 11, 44).

É verdade que a fé na *comunhão dos santos* convida a afetos espirituais presentes, à certeza da ligação sempre atual de todos os vivos e mortos em Jesus Cristo, quando, então, ausência e presença superam suas posições dicotômicas e se fundem no mesmo amor que não passa. Enxergar para além do imediato é, de fato, o que resta para esses momentos em que a morte nos visita. As pontes entre os dois mundos variam conforme a tradição religiosa. Algumas fazem pontes diretas, colocando os vivos em contato direto com os mortos. Outras isolam os mundos como realidades incomunicáveis, coisa de responsabilidade de Deus e não das criaturas. E outras colocam a natureza como mediação indireta, lugar onde os mortos são reabsorvidos e a partir de onde atuam juntamente dos vivos.

Por ora, continuamos em *comunhão* com Afonso, sem necessitar de criações de pontes diretas. As ligações

já foram feitas por ele próprio enquanto viveu biologicamente e nos contagiou com sua simplicidade e profundidade. De fato, não somente sua amizade, mas também sua produção está presente e ecoa como provocação e testemunho. O legado do pesquisador-professor configurou um mundo habitável que convidará ainda por bom tempo ao diálogo todos aqueles que queiram entrar em contato com suas ideias e com seus ideais. A amizade e escrita têm algo em comum: vazam para além dos limites de espaço e de tempo, criam vínculos e geram processos e podem perpetuar em muitos frutos.

Afonso sobrevive nos corações dos que com ele conviveram, nas memórias que registraram sua presença, mas também em seus muitos escritos sobre Teologia e Ciência da Religião. No auge de sua produção e militância acadêmicas nos deixou em muitos aspectos órfãos. Não somente o Programa de Estudos Pós-graduados em Ciência da Religião da PUC-SP e a Paulinas Editora, mas também as associações ligadas à área (Soter e ANPTE-CRE) sabem dizer como sua presença faz falta.

É de dentro dessas configurações de amizade, de reflexão e de trabalho e com o espírito de ligação permanente que falamos neste momento por meio deste texto de apresentação à derradeira obra de Afonso. Um *prólogo* que adquire significado de *epílogo*, por *falar depois* de tudo consumado em termos de pensamento e de vida biológica, ou, então, mais precisamente, *prólogo* sobre o *epílogo* de um autor que viveu o *diálogo* e com quem dialogamos diuturnamente. Por essa razão, a honra de apresentá-la que nos compete vem acompanhada de tristeza e

de saudade. Mas é feita também com a alegria de quem adota o filho de um amigo falecido e dá a ele o carinho merecido. E nesse filho podemos ver de modo muito vivo as ideias e o estilo do pai, as convicções e as esperanças que alimentava em ver a renovação inadiável da Igreja (EG 27) nos tempos de Francisco.

A obra de Afonso que ora vem a público tem uma história própria. Ficou conosco guardada para uma apreciação que não chegou a ser feita com vistas a sua publicação naquele momento de ocaso de sua existência. Sua pressa em partir tão inesperadamente não permitiu que chegássemos a conversar sobre o texto a nós enviado. Após tomar coragem, meses depois, abrimos o e-mail que nos enviara um mês antes de sua partida, no qual dizia: *eis aí a versão final*. Vida e texto entravam, então, em suas versões derradeiras em dezembro de 2016. Nesse contexto, o livro nasceu, por certo, entre dores e alegrias. Dores que o acompanhavam havia semanas e alegria de quem concluiu uma reflexão sobre assuntos caros. A temática da interculturalidade ambientada no contexto do pontificado do Papa Francisco adquiria um novo vigor: ajudar a Igreja a colocar-se em saída na direção das periferias, exercer o diálogo com as alteridades, pensar nas fronteiras. É nesse contexto de impulso à reflexão renovada que Afonso retomava as velhas questões que o acompanhavam desde a monografia conclusiva do bacharelado em Teologia, mas que se tornara uma de suas preocupações centrais desde o doutoramento.

A categoria *sincretismo* serviu a Afonso nas análises e sistematizações sobre revelação no diálogo com as

questões afro-brasileiras. Ele não abria mão de pensar a revelação histórico-salvífica de modo implicado com as temáticas culturais. Bebia permanentemente das intuições e análises de Juan Luis Segundo e de Andrés Torres Queiruga, sendo este seu amigo pessoal. Em passagem permanente, tratou a temática de Deus para além dos territórios restritos da tradição judaico-cristã, em nome de sua irredutibilidade como amor universal e como princípio que inclui todas as diferenças sem eliminá-las. A negação de territórios exclusivistas para a profissão e vivência da fé constituiu uma de suas grandes causas, desde as práticas pedagógicas do Ensino Religioso na escola pública até a raiz do problema no âmbito da Teologia, passando pelos objetos da Ciência da Religião. Pensou a Teologia a partir de fora, das alteridades e das pluralidades, e a Ciência da Religião a partir de dentro, de seu significado teórico-metodológico como área em construção no Brasil. Seus grandes mestres lhe ensinaram que a história é o lugar fundamental para se pensar a fé, seja em nome da razão que aí se enraíza e daí se eleva como busca do *logos*, seja em nome da fé que no mistério cristão encontra nesse lócus o *Verbo* de Deus encarnado. E, por essa razão, no diálogo interdisciplinar buscou as razões da fé e seus modos de expressão sem descansar em qualquer sombra que oferecesse confortos epistemológicos. Intercultural, inter-religiosa e interdisciplinar foi sua caminhada como pessoa crente e como pesquisador inquieto. Caminhou sempre olhando para a frente. Suas posturas afirmavam todo o tempo que o ponto de acabamento das verdades religiosas e

científicas localizava-se, de fato, para além da história. Para o estudioso, restava a passagem permanente feita de dúvidas e de interrogações, mas também de apostas e de ensaios convictos de algumas verdades.

O presente livro escrito em seus últimos dias revela muito desse seu percurso intelectual e existencial. É mais uma de suas falas relativas que buscavam a verdade que descansa para além do tempo e do espaço. Nesse sentido, vivenciou o *diálogo* sempre em busca do *epílogo*. Afonso vive agora a última palavra no face a face. Nós continuamos o diálogo como pressuposto, caminho e meta de toda investigação, imperativo do provisório que avança para o definitivo.

Mas o que nos conta esse último texto? Antes de tudo, diz o autor:

Parece-nos que o espírito deste pontificado, confirmado profeticamente na Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, é reacender nos corações cristãos “a doce e reconfortante alegria de evangelizar” (EV 2). Quem sabe ainda haja tempo para a Igreja Católica rever o que tem feito e pensado em termos de inculturação, diálogo inter-religioso, hierarquia das verdades e religiosidade popular com vistas ao que realmente importa: dar testemunho nesta terra de que o Reino é do Pai.

E acrescenta logo a seguir que: “É com a devida atenção a este novo contexto em que se banham os católicos romanos que este livro foi concebido. Agora só resta ao leitor checar se lhe será de ajuda a reflexão aqui

proposta”. Os capítulos que compõem o livro têm um anunciado caráter revisor de questões até então trabalhadas pelo autor. De fato, numa coincidência que parece incrível, Afonso não somente retoma reflexões já feitas à luz das chamadas do Papa Francisco e em franco entusiasmo com elas, como revisita criticamente categorias analíticas clássicas utilizadas para pensar a pluralidade de significados e práticas religiosas que se impõem cada vez mais como fato e como direito à diferença entre nós, cidadãos do mundo globalizado e irmãos em Jesus Cristo, mestre do amor universal. A suposta coincidência revela um autor revendo a si mesmo numa espécie de balanço “final” do que havia pensado até então. Certamente o espírito reformador do Papa Francisco não deixou de estimulá-lo a fazer essa revisão com maior liberdade. Entretanto, o leitor observará que estamos, de fato, diante de um balanço real de conceitos, de posturas e de propósitos perante os desafios do diálogo com as diferenças. Os capítulos são esforços de mostrar o valor do confronto crítico e criativo entre as religiões e, concretamente, entre a tradição cristã centrada na Revelação e as distintas experiências religiosas. As alteridades não são ameaças, mas, ao contrário, fazem parte do próprio processo de construção da identidade cristã no decorrer da história. *Processo* pode ser o termo que designa o conjunto dessas reflexões, termo que abriga, em seu significado histórico real, o jogo das diferenças que constroem progressivamente o que se apresenta como idêntico e, não raro, como uniforme e fixo. Nesse olhar sincretismo não contradiz com tradição. Ao contrário, a perfaz na

dinâmica de transmissão que a define. Para tanto, passa em revista termos heurísticos dedicados a designar a relação entre as diferenças e situa o drama de uma teologia sem saída há tempos praticada na Igreja Católica, sendo, agora, superada por uma teologia em saída.

As reflexões revelam um dado epistemológico inerente ao autor: as abordagens da Teologia e da Ciência da Religião. As duas referências falam concomitantemente e se cruzam durante as reflexões. A última exerce um papel de mediadora para a primeira e permite situá-la em seus processos concretos de construção no ontem e no hoje. A reflexão culmina lançando o propósito de elaboração de uma teologia interconfessional, ou seja, de uma reflexão de fé feita a partir de um universo ecumênico de significados religiosos que supera todos os possíveis exclusivismos e mesmo de inclusivismos. Fora do diálogo a teologia esconde a si mesma; não narra a sua história feita de sincretismos, quando a fé, foi traduzida e pensada a partir de elementos incorporados de fora de seu universo original. Assim diz o autor no capítulo final:

Neste livro pretendi apresentar, da maneira mais sucinta possível, os recursos do pensamento cristão para reconhecer o valor teológico do sincretismo religioso, inserindo-o na dinâmica daquilo que a teologia costuma entender por revelação. Se tentarmos nos colocar como *insiders* na tradição cristã, seria possível lá identificar o sincretismo como parte irrecusável da história dos encontros e desencontros entre o que é captado como divino e o que é admitido

como humano, colhidos em seu “durante”, e que, justamente por isso, escapam de definições e/ou infêrências cabais. O sincretismo, por definição, atravessa as fronteiras institucionais.

Já não se trata apenas de reconhecer o diálogo com as diferenças como inerente ao fazer teológico e à constituição da própria tradição. É mais que isso: a composição das diferenças tem um significado teológico por si mesma. Deus não fala como um discurso uniforme e exclusivista, como uma tradição que nasce acabada e formulada singular e definitivamente, mas sempre por meio de experiências que convidam o interlocutor a experimentá-lo em situações concretas, na história sempre fragmentada e efêmera que paradoxalmente revela a totalidade:

Quer a religião considere Deus evidente, misterioso ou simplesmente problemático, não há outra maneira de a pessoa ou a comunidade a ele aceder senão em porções fragmentares.

O eco com a passagem paulina se mostra sedutor e inevitável de ser dito:

Pois agora vemos por intermédio de um espelho de forma enigmática, mas, depois, face a face. Agora, conheço em parte, mas, depois, conhecerei como também fui conhecido (1Cor 13,12).

Com certeza, agora na visão do todo sem divisão, inserido no amor permanente e na verdade plena,

Afonso nos aguarda como patrono dos que sofrem por discernir no fragmento das diferenças o ponto de equilíbrio da verdade que vem de Deus e a ele nos remete sem cessar!

João Décio Passos

Prefácio para ensaiar a saída

Este livro pretende investigar, do ponto de vista do cientista da religião, os prováveis cenários que se desenham para a Igreja Católica, à medida que for sendo acolhida a tarefa proposta pelo atual sumo pontífice de que a comunidade cristã assuma-se como “Igreja em saída”. Retomo nesta ótica alguns trabalhos anteriores,¹ reescritos e atualizados a partir dessas novas acentuações, no interior do complexo cristão-católico. Seu principal ponto de unidade é retomar as discussões sobre sincretismo,

¹ O principal deles é *No espírito do Abbá: fé, revelação e vivências plurais* (publicado por Paulinas Editora, e que está esgotado), do qual retomei quatro capítulos aqui e os atualizei à luz do novo contexto da Igreja Católica. Além disso, há outros três artigos que foram publicados em revistas especializadas e aqui refundidos sob a ótica da coleção “Teologia em Saída”. O arcabouço teórico de todos eles é minha tese doutoral (2001), publicada com o título *Interfaces da revelação*; pressupostos para uma teologia do sincretismo religioso (São Paulo: Paulinas, 2003).

inculturação e encontros inter-religiosos nestes tempos de Francisco. Para introduzir a conversa, considerarei duas questões de abertura: o que muda e o que não deve mudar nesse tema com o empuxo do papa jesuíta e franciscano.

Tudo muda: o papa é Francisco

A Boa-nova do Francisco jesuíta

Um dos sintomas dos ventos impetuosos que sopraram a partir de Roma desde a eleição do cardeal Jorge Mario Bergoglio foi o livro *Francisco: renasce a esperança*,² concebido por João Décio Passos e coorganizado por mim, que ofereceu uma primeira reflexão sobre o que representaria esse papa para o futuro do cristianismo. É um livro franco, que não economiza na crítica que, segundo os teólogos e intelectuais católicos, a cúpula da Igreja Católica precisava receber, mas também esperançoso, pois acredita na sua conversão para o cerne do Evangelho cristão. O leitor descobre logo nas primeiras páginas que uma obra desse teor seria quase impensável antes da inesperada renúncia de Bento XVI, que desmascarou rupturas abissais no interior da cúpula vaticana, ao mesmo tempo que salientou a humildade e sabedoria de um papa que reconheceu não dar conta de enfrentá-las.

Mas, quando Bergoglio apareceu na sacada, imediatamente virou o mapa-múndi de cabeça para baixo: no topo estava então uma figura meio desengonçada, de sotaque portenho, trajando uma batina branca

² PASSOS, J. D.; SOARES, A. M. L. (org.). *Francisco; renasce a esperança*. São Paulo: Paulinas, 2013.

improvisada, com sapatos pretos já gastos e uma cruz de prata no peito. Apresentou-se como *bispo de Roma* e revelou ser *Franciscus*. Antes da primeira bênção papal, quis que a primazia fosse do *Povo de Deus* reunido na praça. Curvando-se diante da multidão, pediu seu *amém*. Não se tratava de populismo, mas apenas da continuidade de uma postura (não sem as devidas ambivalências) pela qual o cardeal de Buenos Aires já era conhecido em sua terra, amado pelos excluídos da periferia e odiado pela alta cúpula do poder civil daquele país.

Em pouco tempo, as manchetes escandalosas (pedofilia do clero; *lobby gay* no Vaticano; crimes financeiros do sistema bancário daquele minúsculo Estado; *Vatileaks*) deram lugar à surpresa e ao desconcerto diante do que começava a fazer o jesuíta franciscano: renúncia ao luxo da corte; simplificação dos protocolos diplomáticos e das rubricas litúrgicas; repreensões públicas ao clero devasso; contato direto com o povo nas aparições públicas; carinho pelas devoções populares; apelos à paz mundial; crítica ao sistema financeiro internacional. E tudo isso lançando mão de gestos e palavras diretas, contundentes, proféticas até, se as compararmos com o estilo burocrático e frio dos pronunciamentos da hierarquia católica.

Embora se tenha esforçado por mostrar continuidade doutrinal com o Papa Ratzinger, os sinais emitidos por Bergoglio vão, cada vez mais, em outra direção:³ volta do

³ É o caso do seu discurso no Encontro com os Participantes do V Congresso da Igreja Italiana, Florença, 10/11/2015. Cf.: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151110_firenze-convegno-chiesa-italiana.html>. Último acesso: 12/11/2015.

espírito de diálogo; retomada positiva do Vaticano II; devolução do poder que foi sendo retirado das igrejas locais; afastamento de bispos e cardeais carreiristas para dar lugar aos que têm espírito e prática pastoral; reconciliação com o legado mais genuíno da Teologia da Libertação;⁴ predileção pelas ordens e congregações religiosas e menos espaço aos conhecidos movimentos neoconservadores que protagonizaram a pastoral nas últimas décadas; novo entusiasmo missionário pelo testemunho cristão em meio aos pobres em lugar da atual busca proselitista por neoconvertidos ou por ovelhas “desgarradas” em outras igrejas...

Esse é o desafio sobre-humano que, até aqui (2015), vem assumindo o Papa Francisco. Conseguirá esse místico jesuíta quase octogenário driblar os labirintos da Cúria Romana, separando o joio do trigo? Atrairá a opinião pública católica para seu projeto reformador?

Francisco tem dito em suas audiências a distintos grupos de representações católicas que nada poderá fazer sozinho. Mas os católicos midiáticos, acostumados

⁴ Na verdade, muito se tem comentado sobre a influência recebida, por Bergoglio, da chamada Teología del Pueblo, que tem entre seus autores o conhecido jesuíta Juan Carlos Scannone. Nas palavras do próprio Scannone, essa teologia, “assim como a Teologia da Libertação, utiliza o método ‘ver-julgar-agir’, liga práxis histórica e reflexão teológica, e recorre à mediação das ciências sociais e humanas. Mas privilegia uma análise histórico-cultural em comparação com a socioestrutural de tipo marxista”. É uma reflexão que “sublinha a importância da cultura, da religiosidade e da mística popular, afirmando ao mesmo tempo que os seus intérpretes mais autênticos e fiéis são os pobres, com sua espiritualidade tradicional e sua sensibilidade pela justiça” (cf.: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/520470-a-teologia-de-francisco-entrevista-com-juan-carlos-scannone%20>>).

a *showmissas* inebriantes, cercados de milhares de *face-friends* que se curtem reciprocamente, estarão mesmo dispostos a embarcar nessa “anticruzada” franciscana? O tempo dirá.

Francisco: o papa pop entre o papo e a prática

A passagem de Francisco pelo Brasil em 2013 confirmou as primeiras impressões causadas desde o conclave: desapegado da posição de imperador do catolicismo mundial; imune ao luxo da corte; arisco aos protocolos diplomáticos; pródigo nas repreensões públicas ao clero acomodado; habituado ao contato direto com o povo; carinhoso com as devoções populares; crítico contumaz do consumismo e do sistema financeiro internacional. E tudo isso lançando mão de gestos e palavras diretas, contundentes, proféticas.

Francisco abriu sua visita, no Palácio Guanabara, pedindo permissão, com delicadeza, para estar entre os brasileiros. E citou quase literalmente a frase do apóstolo Pedro em Atos 3,6: “Não tenho ouro nem prata, mas trago o que de mais precioso me foi dado”. O episódio bíblico mostra o assim chamado primeiro “papa” sem posses, a curar paralíticos. Lembrou-me a visita do teólogo Tomás de Aquino ao Papa Inocêncio IV (séc. XIII). Reza a lenda que, ao lhe mostrar as riquezas do Vaticano, o papa lhe teria dito, com indisfarçada ironia: “Vê, Tomás. Hoje a Igreja não pode mais dizer: *Não tenho prata nem ouro...*”. Tomás devolveu: “Concordo, santidade. Mas ela também não pode mais dizer ao coxo: *Levanta-te e anda*”.

Na fala do atual bispo de Roma (é assim que Bergoglio prefere ser chamado) unem-se a teologia e a prática pastoral, Tomás de Aquino e Francisco de Assis, o intelectual católico e o pastor afetuoso, retomando temas nos quais ele já vinha insistindo: há que estar com os pobres, mas não como uma ONG altruísta que busca eficiência e, sim, a partir de uma mística do seguimento de Jesus. Não é mais o teólogo que repreende o papa, como outrora o Tomás medieval; é o papa que chama todos à conversão, a começar pelo segmento mais empedernido: seu próprio clero.

Quem for conferir, encontrará uma “coincidência” instigante: no discurso de abertura ao Concílio Vaticano II (11/10/1962), João XXIII anunciava a intenção de uma virada pastoral na Igreja Católica que tratasse os erros “usando mais a misericórdia que a severidade”, “mostrando a validez de sua doutrina e não condenando”, a fim de ser “mãe amorosa de todos, benigna e paciente”. E completava: “Ao gênero humano tão oprimido, a Igreja diz, como outrora Pedro ao pobre: ‘Eu não tenho nem ouro nem prata... levanta-te e anda’”.

O que dizia em 1962 o “papa bom”, repercutiu em 2015, no discurso de Francisco no encerramento da 14ª Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos: “A experiência do Sínodo fez-nos compreender melhor também que os verdadeiros defensores da doutrina não são os que defendem a letra, mas o espírito; não as ideias, mas o ser humano; não as fórmulas, mas a gratuidade do amor de Deus e do seu perdão”. “Isto não significa de forma alguma”, esclarecia o papa, “diminuir a importância das fórmulas – são necessárias –, a importância das

leis e dos mandamentos divinos, mas exaltar a grandeza do verdadeiro Deus, que não nos trata segundo os nossos méritos nem segundo as nossas obras, mas *unicamente* segundo a generosidade sem limites da sua Misericórdia”.⁵

Anos antes, por ocasião de sua participação na Jornada Mundial da Juventude (2013), o “desvio” para Aparecida do Norte bem no meio do evento, uma exigência sua, foi muito significativo. O santuário mariano sintetiza a espiritualidade popular latino-americana ao mesmo tempo que traz à memória o documento final do 5º Celam (2007), que enfatizou o compromisso missionário do cristão com os pobres e os jovens, além de reconfirmar as comunidades eclesiais de base como opção criativa de ser Igreja. O recado parece virar o *mapa-múndi*: no topo estão agora os povos do Sul, com suas urgências e também com suas experiências eclesiais.

Outro pormenor chama a atenção: Francisco, o bispo de Roma, dirigiu-se aos bispos brasileiros para confirmar a autonomia destes em animar as igrejas particulares. Parecia apontar na direção contrária do forte centralismo que, nas últimas três décadas, ditou as relações de poder entre a Cúria Romana e as demais dioceses. Revigorava, assim, a chamada “colegialidade episcopal”, sonho antigo dos que participaram do Vaticano II. Bergoglio deve saber que não será fácil retomar o espírito de diálogo nem devolver o poder retirado das conferências

⁵ Cf.: Discurso do Papa Francisco no encerramento da XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, 24/10/2015: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151024_sinodo-conclusionione-lavori.html#_ftnref2>.

episcopais (da CNBB, no caso do Brasil). Mas parece decidido a afastar o clero carreirista, dando vez aos que têm espírito e prática pastoral. E já sussurrou sua predileção pelas ordens e congregações religiosas em lugar dos movimentos conservadores que ditaram as regras até agora.

Um quarto aspecto é inédito: sua atitude perante a sociedade civil. Impressionou jornalistas experientes a desenvoltura nas entrevistas concedidas, sem nenhuma combinação prévia. E, no discurso a representantes da sociedade civil, proferido no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, destoou bastante da recente tendência de seus pares ao defender a laicidade do Estado como condição para uma cultura do encontro, atitude que ele definiu como “humildade social”.

Essa humildade está pressuposta em seu já citado discurso no encerramento do Sínodo episcopal. Na ocasião, o papa reconhecia a dificuldade de sua Igreja para se abrir, como instituição católica mundial, à imensa diversidade cultural:

Vimos também (...) que aquilo que parece normal para um bispo de um continente, pode resultar estranho, quase um escândalo – quase! –, para o bispo doutro continente; aquilo que se considera violação de um direito numa sociedade, pode ser preceito óbvio e intocável noutra; aquilo que para alguns é liberdade de consciência, para outros pode ser só confusão.

O papa alertava seus pares para o fato de que “as culturas são muito diferentes entre si e cada princípio geral [as questões dogmáticas bem definidas pelo Magistério]..., se quiser ser observado e aplicado, precisa de ser inculturado”. Retomando as palavras do Sínodo de

1985, ele afirmava ser a inculturação a “íntima transformação dos autênticos valores culturais mediante a integração no cristianismo e a encarnação do cristianismo nas várias culturas humanas”. “A inculturação”, prosseguia Francisco, “não debilita os valores verdadeiros, mas demonstra a sua verdadeira força e a sua autenticidade, já que eles adaptam-se sem se alterar, antes transformam pacífica e gradualmente as várias culturas”.⁶

Enfim, resta dizer que as disposições pessoais de um sumo pontífice, ainda que ele seja um sábio jesuíta, não parecem suficientes para, em pouco tempo (provavelmente, ele não terá o tempo que teve João Paulo II), reconstruir os mecanismos intestinos da Cúria Romana. Quão efetivas serão as mudanças sinalizadas em seus discursos e em sua prática, ainda é uma incógnita. Nem se pode afirmar que a imensa maioria dos católicos de fato as deseje. O que é certo é que os que gostam de acompanhar e estudar o cotidiano do mundo católico não se vão decepcionar com as surpresas e reviravoltas dos próximos capítulos dessa epopeia milenar.

Nada muda com Papa Francisco?

*O que aprender do Concílio Vaticano II?*⁷

Certamente há que se prever alguma reforma no pontificado de Francisco, sobretudo no que diz respeito

⁶ Cf. *ibidem*.

⁷ Os dois itens a seguir retomam, com ligeiras alterações, o que dissemos em: SOARES, A. M. L. *Revelação e diálogo intercultural*; nas pegadas do Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2015, p. 108-111 e 112-119.